



# O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00



O CARNAVAL DO NOSSO  
CONTENTAMENTO — D. Neves I

## Editorial

# O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

A Fanfarra era uma coisa bonita em Fão. Mal saía à rua, todo o mundo fugia de suas casas ou corria às varandas para a ver passar. Era agradável observar aqueles juvenzitos impecáveis e rigorosamente vestidos a marchar. As moças, quer segurando o guião, quer refluando as marionetes com mestria, surgiam garbosas, com uma cadência forte e personalizada. Eles, com ar marcial, ora rufando os tambores, ora soprando os clarins, apresentavam, igualmente passada militarizada. Eram no fundo um conjunto onde assomava uma certa disciplina bairrista, isto é, os rapazes e as raparigas da Fanfarra tinham consciência que estavam a dignificar o orgão e a terra que representavam.

## FANFARRA: e depois?

Constituíam motivo de orgulho para todos os fangueiros. E tão ensaiadinhos estavam que frequentemente eram chamados para abrilhantarem certos actos festivos. Chegamos a vê-los actuar no Porto e então e mais uma vez ficamos orgulhoso dos nossos escuteiros. Outra vez vimo-los actuar em Fão, na Avenida Dr. Manoel Paes, ao lado de um grupo para-militar, de procedência britânica, que estava hospedado no Hotel Ofir. A moçada houve-se com total galhardia que os próprios súbditos de Sua Magestade confirmaram.

Como todos sabemos, a Fanfarra não tinha existência própria. Era uma emanção dos Escuteiros e por isso se chamava Fanfarra dos Escuteiros de Fão.

O Núcleo dos Escuteiros entretanto desapareceu, não interessando agora saber a causa do seu desaparecimento. Os dirigentes eram até muito entusiastas, tinham sede própria, mas, pelos vistos, isso não chegou, pois a hierarquia mandou encerrá-lo. Por arrastamento a Fanfarra foi chancelada com uma certidão de óbito também.

Na altura nós escrevemos sobre o caso, lamentando-o, já se vê, e como represália, um tanto puerilmente diga-se, a Fanfarra ou o que restava dela, passou-nos à porta fazendo rufar altaneiramente os tambores. Mas aquilo foi apenas um arrufo. Mais uns aparecimentos fugazes, as fileiras a debandarem sem enxertias correspondentes e a Fanfarra praticamente emudeceu. De vez em quando os clarins e os tambores são emprestados, sobretudo estes, para abrilhantarem certos acontecimentos, mas não há nada mais do que isso. Entretanto e quanto julgamos saber os despojos da Fanfarra estão à guarda do Chefe Miro que foi a alma deste agrupamento.

E agora? As coisas não podem continuar assim. A Fanfarra tem que ser ressuscitada. E continuar a viver por si? Pensamos que não. Ao depararmos com o sentido crítico e a boa vontade dos homens que moram na Associação dos Voluntários, nós perguntamos se os Bombeiros não quererão tomar a iniciativa de a fazer ressuscitar. Antevemos dificuldades mormente o mal relacionamento entre as pessoas. Mas se pensarmos que Fão tem saudades da sua Fanfarra e que o bairrismo deve existir acima de tudo e de todos, o retorno daquele agrupamento será uma realidade.

## MIQUINHAS TURRA

Um dos critérios adoptados por nós para a selecção dos perfis baseia-se no facto de a pessoa em questão ser a maior ou ter sido a maior em qualquer coisa. Qualquer coisa, falou-se. Qualquer coisa de positivo, socialmente falando. Sim, que não bonda possuir o maior nariz da freguesia para se ser seleccionado. Já evocámos um general por ser o ponto culminante da carreira militar. Outros requisitos aqui foram já esquisitados quando traçámos o perfil do Faraó.



Ora hoje nós revelamos um *mais*, ou antes, *uma mais*, ou seja uma fangueira, que neste momento é a pessoa mais idosa de Fão. Referimo-nos, como já adivinharam, à Miquinhas Turra, mais concretamente a Maria Mendes Gonçalves Didier. Faz precisamente 98 anos — vai fazer se Deus quiser — precisamente no dia 8 de Dezembro de 1990. Tanto quanto sabemos é a fangueira, ou melhor, a pessoa de Fão *mais* idosa, actualmente viva.

Encontra-se invisual há já onze anos. Foi operada às cataratas, depois surgiu-lhe um glaucoma e cegou completamente. Não distingue a claridade da sombra. Tudo escuro como breu.

Não se julgue porém que vive amarrada a uma cadeira, com uma vida totalmente inactiva. Nada disso. Arruma a cozinha, costura e enfia agulhas. Neste momento tenho aqui dois tubos de linha, enfiados com agulha por mim. E adianta, exibindo-nos dois rolos: *este é branco e este é preto*.

— Como sabe que um é branco e outro é preto?

— Ah! eu marco-os. Prego botões, ponteio. Olhe — e mostra-nos uma camisa — *tenho aqui uma camisa do meu neto que é para eu pontear*.

Limpa o fogão e quando os bicos entopem, logo vem a filha Zairinha dizer-lhe: «Mãe, o fogão está entupido». E ela, que tem sempre uma corda de viola à mão, vai e desentope os bicos. «O fogão de lenha também é consertado por mim. Resumindo: tornou-se uma especialista imprescindível em

certo apuros. Mas há mais: esfrega os amarelos. Faz croquetes; bolinhos de bacalhau. Só não os põe ao lume, mas, quando a Zairinha sai, prepara a massa para os croquetes, se forem bolinhos de bacalhau, corta a salsa, a cebola, arranja a batata, dispõe o bacalhau de tal modo que quando a filha volta, é só pôr tudo ao lume. Um arranjo.

Terminou a quarta classe quando tinha 14 anos. Foi fazer o exame de admissão a Famação. «*Eu e mais duas raparigas: a Micas do Antonino e a Belmirinha Teixeira, irmão do P. e Job. Dantes ia-se fora*».

— Lembra-se das Professoras Vieiras?

— Oh! Então não lembro? Eram três irmãs: Maria, Helena e Ema. A D. Maria ensinava as raparigas e a D. Helena, os rapazes. A D. Ema era a mais nova.

— Por que é que só três foram a exame?

«*Havia faltas, trabalhava-se nos campos e a Professora só deixava ir a exame quem estivesse mesmo preparada*».

— O que é que faziam as raparigas quando acabavam a escola?

«*Ficavam em casa e aprendiam as coisas do dia a dia. Começavam na cozinha e depois iam para outras lides. Era raro ir-se estudar. Nem me lembro de alguém que o tivesse feito no meu tempo. Algumas de nós fomos aprender a bordar. Naquele tempo morava em Fão a D. Maria de Vila do Conde, numa casa pegada à relojoaria do Domingos, e era aí que a gente ia aprender*».

A Miquinhas está lúcida. Conserve uma memória razoável e lembra-se de todos os párocos que teve em Fão: Prior Lourenço Gonçalo Viana, P. e Luís Azevedo, P. e Nogueira e ou outros dois recentes que são já do nosso tempo.

Sutilmente fugiu à pergunta quando quisemos saber o motivo por que saiu o P. e Luís Azevedo. «*Saiu porque foi nomeado pároco de Fão, o P. e António Nogueira*». Mas lembra-se perfeitamente da cena de tiros quando foi de um enterro em Fão. «*O meu namorado que depois veio a ser meu marido, Sebastião Didier, apanhou com um tiro numa perna, disparado pelo Tobias, dono do antigo campo de futebol. Foi sem querer, pois ambos eram correlições, do P. e Luís*».

«O meu pai», esclarece-nos a Zairinha, «era muito amigo do P. e Azevedo, tanto que o casamento entre eles foi já em Curvos onde parouquiava o ex-pároco de Fão».

A Miquinhas lembra-se perfeitamente dos esteiros. «*Oh cará! Pois então não me lembro?*» Já depois da ponte levantada, os esteiros funcionavam pegados, do lado de cá e do lado da ponte. Na parte de lá (norte) fazia-se o navio propriamente dito. Era de lá que se dava o bota-abaxo. Ia sempre muita gente para a parte de cima ver. Era um dia de festa e de comedorias. Do lado de cá (sul) faziam-se outros trabalhos de carpintaria, os beques, e outras coisas mais. Era o tio Dias, de Fonteboa, quem chefiava esta secção. «*Ainda me*»

(Continua na pág. 6)

# FARPAS DE ESCÂRNIO E BEM-DIZER

Por QUIM DE FÃO

## O CARNAVAL DO NOSSO CONTENTAMENTO

— Vai sendo tradicional festejar o carnaval em Fão, a nossa terra. As senhoras professoras das Escolas Amorim Campos juntaram a si todos os alunos; os pais enfeitaram-se de brios e alguma vaidade, por que não? e vai daí, todos se mascararam, para, ocultando os rostos, sob o manto da fantasia, brincarem às críticas ao que está bem e ao que está mal. Outros ostentaram alegria e, à margem das ruas, procuraram adivinhar máscaras, interpretar cartazes, letreiros e sinais disto ou daquilo.



Outro aspecto do cortejo

Se há trinta anos era o Teatro de Revista o espectáculo querido e que mais gozo dava às nossas gentes, hoje essa veia artística foi herdada pelo cortejo Carnavalesco que já traz à nossa terra, milhares — são milhares — de forasteiros que se engarrafam e engarrafam as ruas no domingo à tarde e na 3.ª-feira à noite. No fundo, a intenção dos organizadores e participantes será, para além de umas horas de boa disposição, incentivar a população a uns esforços para recolocar a Terra — a nossa vila — no lugar a que tem direito. É uma nova forma de contestação, digamos.

Este ano o corpo docente embandeirou a sua festa com um tema bonito «Na Escola de Fão, há música no coração». De trajes a rigor, de viola, guitarra e outros «instrumentos» as senhoras professoras mostraram nas ruas a sua multifacetada actividade escolar — dentro e fora da sala de aula. — Havia a enfermeira-professora; a professora-jornalista-ardina; a mestra-cauteleira; a cozinheira do leite; a assadeira de castanhas; a professora-mestra-da-banda e até a bruxa. Tudo se mostrou. Pelo que vimos e já sabíamos, ao professor dos primeiros anos de instrução todas as tarefas lhe são exigidas... sem compensação que não seja o dever de tentar cumprir o melhor que pode e que coloca a Escola de Fão em lugar de relevo quer nas actividades curriculares quer nas da comunidade onde se insere.

Mas vamos dar uma espreitadela ao Cortejo que vai passando na memória deste apontamento, observando sob uma chuva miudinha que também esteve presente na hora da partida.

Assim o «Quim das Porras» levou para tabaco. Não confundam; não foi o Quim de Fão, foi o das Torres (com maiúscula para confundir).

— Um cartaz mais maroto, havia muitos, interpretava um texto do Comércio do Porto, saído na véspera.

«A Misericórdia para quem precisa de misericórdia».

— Por isso tu lá estás a tempo inteiro, ó Nevest!

— Outra: «Rei morto, Rei posto. E um carrinho da limpeza, de marca Rover, caminhava «furado».

— E esta? «Da cidade-berço, p'ra Fão Vêlo um mandão, Não será outro Damião?»

Carnaval de Fão é mau carácter! Gente! Um carro alegórico, parece que dos Lirios mostrava Afonso Henriques no seu trono hospitalar, arrogante e vaidoso com piadas a compôr os taipais laterais...

— Depois apareciam muitos estandartes que diziam:

«Pedimos um carpinteiro  
Ganhámos um bombeiro».  
...Se estás doente... e queres ficar «vão»...  
Vai à Clifão...

E a enfermeira-atendedetra fazia malha...

A defunta autarquia não foi, injustamente, poupada. Teve enterro, das Pedreiras, com caixão, choros, gritos e risadas. Não gostaram das traseiras nem da alteração toponímica à Camareira.

— Outro cartaz, trazia a piada ao «papelão».

«Se tem papelão no lugar do vidro e o vidro quer, vá à vidrosão».

— Um dos camiões alegóricos — também das Pedreiras — que grande carnaval — com veraneantes de ocasião, gritavam: «Não mais poluição... queremos turismo em Fão!»

— Uma escola de samba mostrava o

mestre Só...linho de «guidinbas» à mostra, um pouco caídas mas... ainda famosas!

— Mais carros alegóricos — eram meia-dúzia — boliam com o que está menos bem. Aquele autocarro, era do amor bem mascarado.

De um modo geral, a «pancada» era doce e brincalhona. Não magoava as instituições e apenas pretendia beliscar alguns con... frades. Eu contei três.

De salientar o trabalho bem conduzido de todos os carros alegóricos, não esquecendo o do infantiário onde os meninos faziam «barómetros» e «platex», isto é, Clarinhas e Cavacas, pareceu-me. Mas como chovia...

Na 3.ª-feira à noite, pela noite dentro, houve o entrudo mascarado. Eram tantos! Velhos e novos, todos desenterraram os trapos do baú e, «na rua, com a «palha» e o «penico»/mais o andor e a fanfarrão/lá andou a procissão. Sim, não faltou na noite tal «andor de aluguer» com os respectivos preços. — Depois não se queixem que desconhecem que é preciso pagar a taxa de... andor, consoante a categoria do Santo.

A fanfarra...ão tinha uma «boca» que não percebi. «Enquanto dava... durou!» Mas dava o quê! No bombo ou na gaita? É que ambos os instrumentos ainda estão em bom uso.. Não é verdade, ó Chefe?

— Mais uma vez, foi um Carnaval com classe que precisa, sobretudo, de mais gente na organização do desfile. Já é muito grande e começa a ter espaços vazios por falta de «quem mande» dentro do Cortejo.

A autarquia fangueira e municipal estiveram presentes. Pois claro! Ouvei dizer que no próximo ano vão pagar a música espalhada pelas ruas, os foguetes de cheirar-mal, os cartazes publicitários, incluindo o «Carnaval Fangueiro» no Cartaz Turístico de Inverno, juntamente com a «pesca da Lampreia só para profissionais» e «Sulfatando os paraquedistas».

— As senhoras professoras não podem deixar acabar esta festança. P'ró ano cá estarei sem... palha!...

Nota da Redacção — PORRAS — Ilustre família leonesa, os seus membros, que eram dos mais importantes cidadãos de Samora, entregaram esta vila ao rei D. Afonso V quando este penetrou por território castelhano para defender a causa da legítima rainha D. Joana, a Excelente Senhora, vendo-se por isso forçados depois a refugiarem-se no nosso país.

Do livro Dicionário das Famílias Portuguesas de D. Luís de Lencastre e Távora, pág. 292.

## ANTÓNIO TEIXEIRA DIAS

Insero no «Roteiro do Artesão Português»

— Premfando o seu labor e esforço, este nosso conterrâneo foi contemplado com duas páginas neste livro, onde ao lado de três fotografias do seu artesanato e um pequeno texto que transcrevemos «Trabalhos em conchas do mar». Tão perto do mar, é natural que as conchas tenham inspirado as pessoas. Fomos a casa do artesão António Dias e encontramos um deslumbramento de côr e vida naqueles quadros e até naquela colecção de conchas».

— Neste «Roteiro» aparecem outras referências e fotos de recantos da nossa Terra que registámos com agrado e felicitamos a sua autora Dr.ª Maria Natália de Almeida Eça, natural do Porto, por não se ter esquecido de Fão e dos seus artesãos. Foi pena não ter referenciado as «Clarinhas», ainda puro artesanato em algumas casas que não as de fabrico em série.

# EX-COMBATENTES DA GUINÉ

## Uma Associação em marcha

Foi um convívio muito agradável. Eles foram todos militares na Guiné. Lá fizeram picadas, deram tiros, enfrentaram os «turras», enfim, fizeram a «guerra do Ultramar». Têm essa condição a uni-los. Acresce ainda outra circunstância; são fangueiros ou pelo menos, vivem em Fão. Haveria duas excepções: o Garcia de Esposende e o Licínio Torres Lopes, de Palmeira. Estava também o Richalho mas o Richalho, em Fão, é fangueiro.

Sob o impulso e a iniciativa do Ruca estiveram reunidos num primeiro jantar há três anos. Agora, por iniciativa ainda do mesmo Ruca, voltaram a juntar-se mais uma vez no Restaurante do Rio. Tiveram a gentileza de convidar o Director de «O Novo Fangueiro» a quem deram a honra de presidir ao animado repasto.

Esclarecemos que os vinte homens que ali estiveram reunidos não fizeram todos a tropa ao mesmo tempo. Nem a tropa nem a guerra. Havia os que lá andavam em 62, quatrocentos, portanto, quase a atingir a ternura dos cinquenta e havia os homens que o 25 de Abril surpreendeu em pleno mató, sem atingir, pois, a veteranaria dos «enta». Em termos futebolísticos era tudo gente com as botas dependuradas.

Para que servem estes ajuntamentos? Para confraternizar, claro. Reviver momentos distantes, matar saudades, estreitar laços de amizade, aprofundar a mística de «corpo». Evocam-se situações engraçadas ou de perigo, lugares (a carne de porco que se comia em Chaves), figuras (é pá, lembras-te daquele major que tinha a mania...), enfim, recuperam-se ao passado tempos já vividos e, portanto, mortos.

Depois, e apesar de tudo, há ou subsiste no âmago de cada um a honra de ter sido um combatente. Este «apesar de tudo» consiste num certo complexo de culpa por se ter ido fazer a guerra no ultramar. São afloramentos que no entanto desaparecem quando em conjunto principiam a entoar canções daquele tempo. Isso aconteceu naquela noite quando cantaram: «Adeus Guiné/Tenho já o dever cumprido/Eu vou abraçar minha mãe, meu pai...». Disse a propósito o Adeli-

no dos Reis que muitos tinham lágrimas nos olhos enquanto cantavam.

Foram dois anos de luta e de vida dura e incerta, onde os gestos de solidariedade se repetiam no quotidiano e ajudaram a construir uma amizade que permaneceu pela vida fora, irmanando quantos viveram situações idênticas.

A boa disposição era evidente. De resto, Manuel Branquinho não deixou o crédito da sua casa por mãos alheias: o bacalhau tinha boa cara e o tintol, pela rapidez que as garrafas eram substituídas, dava mostras que fora bem seleccionado.

Entre os presentes encontrava-se o Armando Solinho e o seu inseparável violão. Como convidado seu, outro camarada de guerra, o já mencionado Garcia que se apresentou com sua esposa (única presença feminina que até cantava bem) e igualmente com um violão. Como marionettes especiais estiveram o Mirinho Carapuça que, com um grão na asa se revelou impagável: ele cantou, dançou, discutiou, barafustou e praticamente anulou todas as tentativas de discurso que se esboçaram. Quem olha para ele, no dia a dia, parece que não parte uma mosca. Com um cheirinho a mais, fica imparável. Outra vedeta: o Manuel Lopes (Cavaca). Este não é chato nem coisa que se pareça. É amável. Passeia-se pela sala, vive a alegria de todos e constantemente se preocupa e pergunta a saber se está tudo à correr bem. Digamos que se torna solícito com demasiada insistência. O António (Gaia) irmão do Ruca, também foi uma surpresa. No momento em que se entoava «o passarinho cantou, às quatro da madrugada», desata num chilreio bem feito e melhor sucedido. Ficou tudo basbaque. É que a canção já de si é bonita. Tendo por fundo os gorgéis de um melro, nem queiram saber.

A reunião durou até às tantas. Sempre a reviver, a conviver e a cantar. Eram canções brasileiras, nacionais e fangueiras também.

O Ruca pretendia discursar. Fê-lo nas «abertas» concedidas pelo Mirinho. Historiou a criação daquele movimento. A certa altura o Licínio formulou um desejo: que se criasse

um movimento semelhante mas a nível concelhio. Aqui foi contrariado pelo Mirinho (sempre na berlinda) que queria uma associação fangueira. Esteve só na defesa da sua dama, mas ao fim de muito esforço e paciência foi ultrapassado. Parece que a ideia de uma associação a nível concelhio vai para a frente.

Mais uma vez o nosso agradecimento pelo convite e todas as honrarias com que fomos distinguidos.

Eis o nome dos combatentes que apareceram no jantar: Raul Vianá, Cândido Barros, Adelino de Sousa Martins, Emídio Miranda Saraiva, António Maria Carvalho de Jesus, Armando Ferreira Gomes da Silva, Adelino dos Reis, Joaquim do Vale da Cruz, António Manuel Sanches Castilho, Albano Severo Leitão Ribeiro, Manuel de Matos Lopes, Manuel Carneiro, Francisco dos Santos Gomes Solinho, Luís Morim Pereira, João Armando Carneiro Solinho, Licínio Lopes Bepaz, Crispiano Morgado Caseiro, Manuel Soares da Silva, António Maria Moledo Viana, Baldemiro Gai-fém Campos.

## PELA JUNTA

*Dissemos no penúltimo número que os elementos da Junta e da Assembleia de Freguesia recebiam uma pequena subsvenção. Fizemo-lo para destruir certas atoardas que davam, por exemplo, Luís Viana a receber 40 contos de aposentação.*

*Pois fomos informado que os elementos da Junta prescindem de tais subsídios os quais revertem a favor da freguesia.*

★

*Consta-nos que o já célebre mercado vai virar piscina. Em nossa opinião tal viagem deveria ter o apoio amplo dos eleitores que mereciam ser consultados.*



O Ruca da Gaia e o Luís Paralta no Café Universal de Bissau em 1989



## Praia de Ofir-Fão

A nossa praia foi classificada como sendo de 1.ª ordem. As de Esposende e Apúlia, de 2.ª ordem e as restantes de 3.ª.

Mais responsabilidades nos traz esta honrosa classificação. As entidades responsáveis devem insistir na sua limpeza.

# PÁGINA JOVEM

**Olá, jovens! que tal esse carnaval? Oxalá se tenham divertido, porque o divertimento, moderado e são, é necessário a quem trabalha. E o estudo é, sem dúvida, uma forma de trabalho; vocês que o digam!**

## GLORIOSOS TALHERES!

Por MARTA MARIZ MENDES

(Cont. do número anterior)

### CAPÍTULO IV

#### O TRABALHO ESFORÇADO DOS TALHERES

Em casa dos Sousa, há uma semana, os talheres trabalhavam...

Antes do almoço, as facas cortavam e as colheres mexiam.

Durante o almoço, outras facas cortavam, garfos espetavam e colheres se enchiam de sopa!

Ao lanche, colheres mexiam o leite e o chã, e facas cortavam e barravam o pão, tal como ao pequeno almoço.

Ao jantar, o mesmo do almoço.

E aos domingos, trabalhavam ainda mais, por causa de visitas e guloseimas.

A seguir a cada refeição, sujeitavam-se às escaldadelas do banho, provocadas por água a ferver, e detergente nos olhos e no nariz.

Mas, à noite, eram cuidadosamente secos e polidos e guardados de novo na caixa, pois os Sousa queriam para eles esses cuidados, à noite. Ai, dormiam e descansavam, depois de cada árduo dia.

### CAPÍTULO V

#### TODOS ENVELHECERAM E OS TALHERES PARTIRAM

Cinquenta anos depois do início do seu trabalho, os talheres, meios tortos e doentes, viam as pessoas mais velhas e as crianças, a serem adultos. Mas todos continuavam ainda sorridentes como dantes.

Naquela noite os talheres começaram a falar da sua partida, na próxima noite.

Depois de se deitarem, regalados, pois já sabiam que não os deitariam fora e eles não queriam ficar, portanto resolveram partir na noite seguinte.

Nesse dia, por acaso, houve na mansão dos Sousa uma grande festa, onde eles trabalharam como nunca, e com muita perfeição.

À noite, depois do habitual tratamento esperaram que todos adormecessem e, em seguida, fugiram da caixa, cuidadosamente. Foram até à porta da casa, depois pelo jardim e, finalmente, estavam na rua. então, andaram a noite toda até chegarem, de manhã, à sua aldeia.

(Continua)

## DESEJOS

Eu queria ser o riacho que corre  
Caminhando para a vastidão imensa.  
Eu queria ser a rocha que não morre,  
A rocha que não se move e que não pensa.

Eu queria ser o céu que tanto adoro,  
Que com seu manto cobre o mundo inteiro!  
Eu queria ser a flor pela qual choro,  
A flor que nunca perde o doce cheiro.

Mas o riacho não é, também, feliz.  
E o céu quando chora é como quem diz:  
«Eu sou como a rocha triste e vã!»

E a flor, com o seu perfume suave,  
Não é livre como é livre a ave,  
E este poema não é música de Chopin!...

FÁTIMA ANTUNES

## PAUSA PARA SORRIR

Numa festa. Um sujeito, ao dançar, pisa um pé à senhora que era seu par. Ela, com a dor, não consegue calar-se e desabafa:

— Bruto!

O homem, com toda a calma, responde:

— Desculpe, minha senhora, mas acontece que me esqueci de trazer o meu microscópio.

Muito admirada, ela pergunta:

— E para que precisava do microscópio?

O cavalheiro responde, irónico:

— Para lhe ver os pés, minha senhora!...

★

Num país de outro continente, um governante, ao terminar o seu mandato, faz um discurso para dar contas à nação do seu trabalho durante o mandato.

A certo passo do discurso, diz:

— Quando eu tomei conta do governo, o nosso país estava a um passo do abismo!

Mais adiante, no mesmo discurso, afirma:

— Ao deixar o governo, posso afirmar-lhes que, durante o meu mandato, o nosso país deu um passo em frente!...

★

Um conhecido glutão aproveitava todos os convites para saborear as mais deliciosas iguarias.

Um dia, num banquete, apresentaram-lhe um manjar tão maravilhoso, que ficou completamente concentrado nesse prazer, sem prestar a mínima atenção ao que se passava em volta.

A certa altura, a senhora sentada ao seu lado, tentando meter conversa, pergunta-lhe:

— Gosta de crianças, senhor Silva?

Distraidamente, o sujeito responde:

— Nunca provei, minha senhora...

(Continuado do número anterior)



(Continua)

## PERFIL

(Continuado da pág. 2)

lembra que nós raparigas íamos lá comprar lenha e era o tio Dias quem a vendia. Às vezes queríamos levar lenha boa, que não estava apartada, mas logo ele dizia: «essa não».

— Miquinhas: dantes namorava-se como agora? Podiam sair juntos?

«Era conforme. Eu só sei que uma vez fui apanhada pela minha madrinha a passear na rua com o meu namorado e apanhei um soco que me empazinou».

Outros tempos.

Resta acrescentar que a Miquinhas, à parte a vista e ligeiramente o ouvido, está sã como um pêro. Não sofre de nada. Temos mulher para o ano 2000...

Há só uma coisa que a mortifica: foi o desprezo a que a votou a sr.<sup>a</sup> D. Amália Rodrigues. É uma sua admiradora, sentimento que já compartilhava com seu marido. Falavam-se não directamente, mas pelo menos indirectamente, por telefone.

Ora há uns tempos atrás a grande Amália — é dessa que falámos — prometeu à filha que logo que fosse ao norte ia visitar a sua nonagenária admiradora. Será que os deuses se lembram dos pobres mortais? O certo é que depois disso Amália já veio a Braga, ao Porto, mais do que uma vez e a Miquinhas ainda hoje espera pela sua palavra.

Será que a grande diva ouvirá o lamento longínquo da nossa simpática conterrânea?

## FALECIMENTOS

— Em Matosinhos, onde residia há anos, faleceu com 77 anos, Ângela Gonçalves Carvalho (Anjinha). Veio a sepultar em Fão, sua terra natal.

— Com 80 anos faleceu em Fão, Zulmira Lopes Cardoso que morava na Rua dos Veigas.

— Pelo falecimento de sua mãe Maria Lopes Veloso, encontra-se de luto os nossos amigos Prof.<sup>a</sup> Laurentina Torres, Franklim Torres e Dr. António Torres.

Às famílias enlutadas os nossos pêsames.

## Cartas ao Director

Exmo. Senhor  
Director do jornal «O Novo Fangeiro»

Sobre a visita do Embaixador Dr. Vasco Mariz a Fão, que o vosso jornal noticiou, venho acrescentar o seguinte:

o Dr. Vasco Mariz veio à Europa para fazer o lançamento, em Itália de um livro, de que é autor. Quis estar uns dias em Portugal para rever amigos e visitar a terra de seu pai e avós, querendo passar alguns momentos na casa, que foi de seus avós, na Rua Serpa Pinto, em Fão.

Quis visitar a Cantina «Joaquim Mariz», à qual iria entregar um donativo seu e ficou profundamente chocado ao verificar que haviam retirado o nome de seu pai do edifício da Cantina e que a mesma havia sido desviada para outro fim. Não pode deixar de desabafar: «É assim que aqui tratam a memória dos beneméritos da terra?»

Será que a instalação «Cantina Escolar Joaquim Mariz também foi extinta?

Se não morreu, quando voltará a ocupar o edifício que lhe pertence?

Saber-me-á dizer algo sobre este assunto?

Meu primo, logo que chegou ao Brasil, voltou a tocar no caso da Cantina, em carta, que me escreveu, voltando a manifestar o seu desgosto.

Com um abraço, votos de boa saúde.

Carlos Mariz

N.R. — O problema não deixa de ter o seu melindre. Esperemos que a Junta consiga uma saída airosa para a situação.

## FESTAS

*Caiu muito mal a atribuição de 300 contos para as festas do Senhor Bom Jesus. As festas da Vila esposendense recebem a importância de 1.500 contos. Como Fão foram contemplados Apúlia e Forjães.*

## CASA VENDE-SE

Rua de S. João  
Falar c/ António Rios Graça

## AUMENTE O SEU COLESTEROL!

Então que tal vai esse colesterol? Continua a subir, como deve ser? Vamos ajudá-lo com umas

### ALMÔNDEGAR DE CARNE

Carne de vaca, picada e sem gordura — a quantidade que se desejar.

Carne de porco gorda ou toucinho, também picado — q.b.

Mistura-se o picado da carne de vaca com o da carne de porco (tudo em cru), tempera-se com queijo parmesão, raladao, pimenta e pó, salsa picada miudinha e um pouco de pão ralado. Mistura-se tudo muito bem e liga-se com ovos batidos, os necessários para que a massa não fique nem demasiado dura nem demasiado mole.

Divide-se a massa em pequenos bocados que se envolvem em pão ralado, tendo-os em forma de bolas e pondo-os a frigar em margarina ou óleo a ferver.

A seguir, deitam-se essas pequenas bolas numa caçarola, junta-se-lhes um pouco de caldo de carne e deixa-se ferver algum tempo. Tiram-se, então, do lume e, quando o caldo arrefecer, junta-se uma ou duas gemas de ovos batidas, leva-se de novo ao lume e, na hora de servir, tempera-se com sumo de limão.

Para a merenda:

### ARGOLINHAS

Farinha de trigo — 1 quilo. Manteiga — 350 gramas.

bate-se a farinha com a manteiga, juntando um fio de azeite para ligar bem. deixa-se a massa repousar algum tempo e a seguir tendem-se e fazem-se as argolinhas, que vão ao forno, a cozer.

passam-se, depois por uma calda de açúcar em ponto de cabelo. deixam-se secar, e só se servem quando estiverem bem secas.

E só nos resta desejar bom apetite e... b'ia subida!...

Um abraço da

TIA MARIQUINHAS.

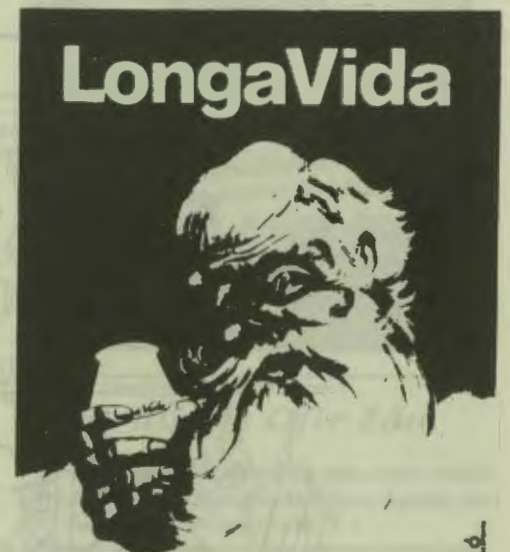
# ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- TESTES ELECTRÓNICOS
- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRÁULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MÁQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

## REIMELI, LDA.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO  
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845



o que é bom da natureza

# DE APÚLIA

**A PRAIA DAS PEDRINHAS** — O que se está a passar (ou passou já) na praia das Pedrinhas, está bem sintetizado em crónica do Jornal de Esposende, do dia 1 de Março corrente. **PRAIA DAS PEDRINHAS** — ou **PRAIA DOS CALHAUS**?

Não se compreende, que para defender uma ou algumas moradias da fúria do mar, dessa praia, se estrague para sempre uma das mais belas praias do litoral apuliense.

Culpa de quem? De todos nós que não olhamos aos avisos sensatos dos homens do mar mais experimentados e sabedores de Apúlia, quando chamaram a atenção para os males futuros que a construção do esporão dessa zona iria trazer para essa praia e toda a sua área envolvente.

Agora, e enquanto a destruição das praias não chega à de «Cedovem», o problema só se solucionará (para futuro) com a destruição do referido esporão, em parte ou no seu todo.

A praia das Pedrinhas, essa, dificilmente voltará a ser o que foi — uma praia sossegada, ampla e aprazível, de areias limpas e finas, e de águas de pouca profundidade.

**CEDOVÉM** — O ASSALTO CONTINUA — ESTA ZONA — que bem aproveitada era lindíssima, pela sua pequenina praia, encrustada entre a penedia do «Furado» e abrigada, pelas rochas grandiosas da «Pena» — nasceu com má sina. Todos os anos ali aconteceu coisas desagradáveis para os apulienses, e prejudiciais para a própria terra.

Os beneficiários directos, esses, quase nunca são de Apúlia. Os atropelos vão surgindo com construções clandestinas, aqui e ali, em terrenos que podiam ser fonte de grande rendimento para a comunidade. As construções são embargadas? Não há problema. Continua-se com as construções. O julgamento em tribunal, já se sabe,

Fica para as calendas gregas. A multa? Também pouco importa. O local vale bem uma ou duas dúzias de multas.

Ainda agora se está a ampliar uma casa que serviu de restaurante até há pouco e que irá de futuro servir o mesmo ramo de negócios. A construção foi embargada, mas o responsável continua a construção, um claro desafio a tudo e a todos.

Ele sabe que quando o Tribunal tiver disponibilidade para julgar este caso, já a casa terá rendido bom dinheiro.

Até quando os apulienses vão assistir à lapidação dos bens da sua terra por forasteiros (como é o caso presente) impávido e serenos, como se aquilo não fosse nada com eles.

**FALTA DE CIVISMO** — Um campo de futebol, quando a equipa do clube proprietário disputa provas oficiais, pode não ser a saia de visitas da localidade (e aqui até nem é) mas é um local onde passam e juntam durante o ano muitos milhares de pessoas. É, assim, também, quase que uma sala de visitas.

Nem todas as pessoas compreendem isso. Ali, ao lado do campo de futebol de Apúlia, mesmo contra a estrada, existe uma lixeira que nos coloca muito mal perante aqueles que nos visitam. E existe à rebeldia das autoridades locais e das pessoas com um mínimo de senso.

Aqui, na Apúlia, uma vila, onde existem algumas dezenas de contentores de recolha de lixo, não há razão para que is-

so aconteça. Aquilo que não queremos em casa vai para a rua.

E a higiene dos outros? E a saúde do semelhante? É feio e denota falta de civismo.

**FUTEBOL** — Últimos resultados: Apúlia, 0 - Fão, 0; Nefgreiros, 2 - Apúlia, 0; Apúlia, 1 - Cabreiros, 2.

Infelizmente as coisas não vão bem para o futebol local. E não é só pelos resultados. A equipa de futebol está a ser minada por dentro por indivíduos que deviam ter mais cuidado com as agremiações da sua terra. Se os dirigentes têm obrigações, os atletas também têm deveres, principalmente os naturais da terra. Afinal, o que é que se contesta? A Direcção? O treinador? Não é com auto-suspensões que se está a ser consciente e baírrista. Ou quer-se acabar com o futebol em Apúlia?

Enfim, como diz o outro, haja Deus.

Entretanto a Direcção que não se tem poupado a esforços, até de índole financeira, que dotou o campo de jogos com uma bancada, que beneficiou os balneários, e que «plantou» um novo piso no rectângulo de jogo, vai recebendo estas «ajudas» de atletas que até são apulienses! Como se os grandes beneficiários não fossem eles. Como se o futebol não fosse uma «coisa» da Terra... deles!

Não está certo. É com ingratidões destas que se desestabiliza a equipa; que se desmobiliza as vontades dos dirigentes.

Dos fracos não reza a história, e como o Grupo Desportivo de Apúlia está a ser dirigido por homens que já mostraram, até nas suas vidas particulares, que as dificuldades os não assuntam, talvez não seja ainda desta que o poder vai cair na rua...

**FALCIMENTOS** — Faleceram, no mês de Fevereiro, os seguintes apulienses: em 2, a senhora Maria Martins do Monte, nascida em 9/11/911, filha de José Martins e de Trindade Fernandes do Monte, viúva de Manuel da Fonte Catarino.

No dia 9, depois de doloroso e prolongado sofrimento, faleceu no lugar da Arela, o senhor Manuel Luís Dias Monteiro, nascido em 17/5/915, filho de António Luís Monteiro e de Maria Dias Ferreira. deixa viúva a senhora Clementina Ferreira Neves.

No dia 12, e também depois de longa enfermidade, faleceu a senhora Maria Lopes Veloso, nascida em 3/1/908, filha de Manuel Veloso de Sá e de Maria Joaquina de Jesus Lopes Ferreira, viúva do grande apuliense António Fernandes Torres.

O funeral desta saudosa extinta, foi o maior que até hoje se viu em Apúlia, muito contribuindo para isso a prestígio de seus filhos, D. Clementina Veloso Fernandes Torres, até Dezembro último Presidente da Câmara de Esposende, Dr. António Fernandes Torres, Delegado do Centro de Saúde de Esposende, e Franklin Veloso Fernandes Torres, Director de Finanças do Distrito de Viana do Castelo.

A todas as famílias, em luto, apresenta este Jornal as suas condolências.

## SALÃO PAROQUIAL

No dia 23 de Fevereiro venceu-se a primeira etapa de obras: foi carregada a primeira placa de 240 m<sup>2</sup> de área coberta onde se gastaram 30 m<sup>3</sup> de betão.

Fica assim coberta o que poderíamos chamar de cave e é um aproveitamento ao projecto inicial. Ali ficarão duas grandes salas de finalidade ainda não especificada que terão sobretudo um aproveitamento para actividades de tempos livres, jogos de sala para os miúdos e espaço de vídeo religioso e distractivo.

Das salas, cuja estrutura segue de imediato, podemos recuilar passos da memória descritiva que diz assim: o edifício será composto de duas zonas de características diferentes, a área cultural e de catequese e a área social e desportiva, que por sua vez se implantarão a cotas diferentes.

A área social e desportiva desenvolver-se-á com um acesso e um passeio elevado comum, com uma zona edificada onde se situarão os serviços médico-sociais com espaços reservados a um átrio, etc., e a zona desportiva com um recinto polidesportivo descoberto e ainda uma área reservada a vestiário e instalações sanitárias.

A área cultural e de catequese está dividida em duas zonas. A primeira terá uma entrada principal de acesso e uma sala polivalente com galeria superior e ainda um acesso ao piso inferior onde se situará uma sala de catequese. Esta sala polivalente comunica por sua vez com a área de catequese constituída por três salas e uma sala de convívio e de estar. Toda esta zona está em contacto com um pátio exterior através de um corredor envidraçado. Existe ainda uma varanda sobre o recinto polidesportivo.

## Notícias da Câmara

Foi nomeado vereador em regime de permanência (tempo inteiro) o eng.º Adelino Marques. O dr. José Armando representa a Câmara junto do Conselho Cinegético e fica com os pelouros da Protecção Civil, Mercados, Feiras e Cemitérios.

Ao dr. João Paulo foi atribuído o pelouro dos Transportes Escolares bem como a representação da Câmara junto da APELE.

A Câmara de Esposende, ao mesmo tempo que aprovou o relatório da Secção de Arqueologia do Concelho, contratou uma arqueóloga para dar maior apolo às escavações que vem sendo feitas na área esposendense.

Na sua última reunião, o município esposendense aprovou um primeiro estudo sobre a adaptação do edifício do Teatro-Clube de Esposende para Auditório Municipal. Refira-se que este edifício, concebido pelo Arquitecto Ventura Terra, funcionou inicialmente como casa de espectáculo, sendo mais tarde adaptada a fábrica de confeções. Recuperada há poucos anos pela Câmara, vai estar de novo à disposição da Cultura local.

Foi já estabelecido o regulamento da VI maratona internacional do Cávado que se realizará no dia 1 de Abril deste ano.

## MÃE

— Mãe querida, Mãe saudosa,  
Sei que estás à minha espera  
Do outro lado do mar  
Onde deus tem uma Praia  
Toda branca e luminosa,  
Com outro sol, outra esfera,  
Com gaivotas de cambráia  
E divinal maresia;  
E ao pensar nessa alegria  
Do nosso encontro sem par,  
Todo o ano é Primavera.

DINIS DE VILARELHO



### HOTEL DO PINHAL - OFIR

TEL. (053) 961473/4  
FÃO — ESPOSENDE



Contrata imediatamente, para início de trabalho a partir de 1 de Abril pessoal para as seguintes funções:

**PORTARIA/RECEPÇÃO:** de noite e trintanário de dia (este, c/ carta de condução)

**ANDARES:** empregadas de quarto

**MESA/BAR:** Chefes e empregados (as)

**COZINHA:** cozinheiros de 2.º e 3.º, mais ajudantes

**ECONOMATO:** dispenseiro/cavista

**CAFETARIA/COPA:** pessoal indiferenciado

**ROUPARIA/LAVANDARIA/LIMPEZA:** pessoal indiferenciado

**PRAIA/PISCINA/DESPORTOS:** banheiro nadador-salvador (preferência c/ carta de condução)

**SERVIÇO DE MANUTENÇÃO:** empregado polivalente

Regalias e ordenados adequados à função, bem como ao nível e experiência profissional do candidato.

Preferência aos residentes em Fão e ao pessoal sazonal dos anos anteriores, desde que se apresentem até 19 de Março.

Respostas escritas à mão c/ fotografia ou marcação pelo telefone para entrevista, no caso de tratar-se de pessoas que tenham já trabalhado no Hotel.

# FUTEBOL

por JOÃO PEDRAS

Últimos resultados: Apúlia, 0 - Fão, 0; Tadmim, 0 - Fão, 0; Fão, 3 - Vilarinho, 0; Tibães, 1 - Fão, 1.

## APÚLIA, 0 — FÃO, 0

Fão alinhou com: Chabregas; Branco, Eurico, Vita e Tó; Carlos, Flávio, Pedro e Bife; Zico e Zé Manel.

Com este jogo terminou a 1.ª volta. Eram os dois primeiros em igualdade de pontos e nessa posição passaram para a 2.ª volta. Não gostamos do jogo que fizeram, nada condizente com a classificação que tinham. Mesmo assim, sem *bairrismos*, gostámos mais do Fão. Tentou jogar com a bola rente ao chão. Tem

jogadores para isso. Mas foi só na 2.ª parte e por pouco tempo. O árbitro também ajudou ao mau jogo. As poucas jogadas que o Fão fez de bom, cortou-as por pretensos *foras-de-jogo*. Inclusive, anulou-nos um golo que nos pareceu limpo. Em compensação perdoou ao nosso grupo dois penaltis, pelo que o empate nos parece justo.

O C. F. de Fão já defrontou todos os adversários e não temos dúvidas em afirmar que foi a melhor equipa nesta primeira volta pelo que nos parece justo o lugar obtido. Os seus adversários mais directos deixaram-se atrasar, principalmente o Apúlia que teve duas derrotas seguidas.

Feitas as contas, mantemos a nossa opinião

e a esperança, desde o início da época em que vimos a equipa actuar: que Fão estará novamente na 1.ª Regional para o ano.

Parabéns aos jogadores, treinador e direcção e também aos associados e fangueiros que gostam do futebol e o tem ajudado.

Antes do jogo com o Apúlia, a equipa voltou a fazer um mini-estágio no Hotel do Pinhal.

No jogo com o Tibães, alguns dos nossos jogadores foram agredidos pela assistência. Já se começa a pagar a factura da *supremacia*, o que é lamentável, pois os adversários devem aceitar desportivamente a maior valia da equipa de Fão.

Neste jogo alinhou o Fernando Graça que tem feito poucos jogos em virtude de estar a cumprir o serviço militar. além de o considerarmos um excelente jogador e com lugar certo na equipa principal, sentimos uma satisfação especial por vermos na equipa principal um jovem jogador da terra...

PS.: — Enquanto jogador tivemos como companheiro de equipa muitos jovens de fora; como dirigente chegamos a trabalhar durante muitos anos com mais jogadores de fora do que da terra.

Portanto, meus amigos, nada de más interpretações.

## TORNEIO DE VETERANOS

FÃO, 2 — ESC. DESTERRO (P. de Varzim), 2

O Fão alinhou com: Graça (Solinho); M. Ferreira, J. Cardoso, Américo Carvalho e Marco Aurélio; Barra Reis, Bernardino, M. Cardoso e Quim Soares; Raúl Gajeiro e Artur Sobral.

Responsável: João Pedras; médico: dr. José Albino.

Não queremos menosprezar com a nossa opinião a equipa da Póvoa (muitos deles nossos antigos companheiros na equipa de Fão), mas se tivéssemos contado com os faltosos: M. Pedras, Luís Torres, C. Pedras, Agostinho e José Albino, não temos dúvidas que seria outro espectáculo de futebol e de golos.

Ainda nos estamos a lembrar do anterior jogo em que ganhámos por 5-1.

Agora que o torneio se aproxima do fim — faltam dois jogos — a nossa equipa está a assentar o seu futebol colectivo, porque técnica é coisa que não falta a esta velhada.

## CANOAGEM

### EM PERÍODO DE ESTÁGIOS

O Náutico de Fão tem desenvolvido a sua actividade com vista à nova época que brevemente terá as suas principais provas.

As condições de trabalho apenas tem evoluído no que diz respeito ao melhoramento do material e muito ainda há a fazer para obter as instalações desportivas que pensamos virão a ser uma realidade.

A nível nacional têm sido feitos os testes para a escolha das selecções nacionais A e B em velocidade e Maratona.

Belmiro Penetra, a grande esperança de Canoagem portuguesa esteve 21 dias em Israel, onde espera regressar, e prepara um calendário de Provas Internacionais até Agosto e com grandes responsabilidades. Bélgica, Checoslováquia, Inglaterra e Polónia são os países onde decorrerão as provas mais importantes.

Na Selecção nacional de Maratonas Lázaro Penetra e Carlos Vieira (que venceram o último Controlo em Coimbra) estão já a preparar o campeonato do Mundo que decorrerá na Dinamarca, frequentando um estágio em Melres.

O Náutico de Fão dispõe de um lote de atletas de grande valor para além dos já referidos, como Luís Sousa, Emílio Araújo, Carlos Silva e no sector feminino Lúcia Lagoela, Sónia e Mónica Oliveira.

Entretanto o regresso à orientação técnica do Ramiro Novo veio trazer uma nova dinâmica nos escalões mais jovens. Os próximos 2 anos poderão ditar grandes alegrias aos atletas fangueiros e Fão vai poder orgulhar-se do seu Clube.

M. VIEIRA

## ÓPTICA Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA



• ÓPTICA  
MÉDICA

• LENTES DE  
CONTACTO

• APARELHOS  
DE PRECISÃO

R. DA MISERICÓRDIA, 6/12  
4700 BRAGA ☎ 7 57 77

# TRIÂNGULO JOTA

UMA COLEÇÃO NOVA  
PARA GENTE NOVA



EDIÇÕES ASA





# FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



## CULTURA PRÁTICA DO MARACUJÁ

(Continuado do número anterior)

7.º — retirar as garrafas, submetê-las a uma corrente de água fria e, após exaustão, parafinar as rolhas;

8.º — etiquetar e guardar, em local de preferência fresco e seco.

A propósito, chama-se a atenção para a necessidade de em curto prazo consumir o

conteúdo de uma garrafa de néctar, depois de aberta. a sua rápida alteração, em tais circunstâncias, pode vir a constituir perigo para a saúde dos últimos utilizadores.

### 12 — COMPOSIÇÃO DO FRUTO E DO SUMO

A composição média do fruto do maracujá não anda, em regra, longe da seguinte:

VARIEDADE		Amarelo	Roxo
Casca.....		61,9%	49,6%
Polpa	Resíduo.....	7,2%	13,6%
	Sumo.....	30,9%	36,8%

O sumo é de coloração amarelo vivo, com aspecto um tanto turvo devido à presença de material celular macerado no processo de extracção; o seu aroma é característico e tem sabor picante, sendo o sumo do maracujá roxo mais doce e mais intensamente colorido que o do amarelo.

Cem gramas de sumo de maracujá têm a seguinte composição:

- 76,9 a 82,5 gramas de água
- 7,4 a 13,3 » de açúcares totais
- 1,0 a 3,7 » de amido
- 0,6 a 1,2 » de proteína
- 0,01 a 0,08 » de extracto etéreo
- 0,36 a 0,52 » de matéria mineral

O teor em vitamina C (ácido ascórbico) de 100 gramas de sumo oscila pelos 35 miligramas, sendo ainda relativamente importantes as suas quantidades de vitamina A, de fósforo, cálcio e ferro.

## CULTURA DA BATATEIRA

### BOTÂNICA

A batateira pertence à família das silanáceas e é uma espécie vivaz embora seja cultivada habitualmente como anual, utilizando-se a sua facilidade de reprodução por meio de tubérculos.

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Adubos Químicos • Insecticidas  
Sementes Hortícolas • Batata de Semente •  
Importador Exportador

SEDE  
A-Ver-o-Mar 681765 ..... PÓVOA VARZIM  
FILIAL  
R Filipa Borges 812199 ..... BARCELOS

As raízes desta espécie são fibrosas e adventícias nascendo em grupos de três ou quatro ou mesmo mais nos nós dos caules subterrâneos. De um modo geral o sistema radicular é superficial e concentrado em torno do pé, ramificando-se com abundância. Uma ou outra raiz desenvolve-se, porém, até distâncias de meio metro e, noutros casos, em profundidade, consegue alcançar metro e meio.

O caule da batateira compreende duas partes distintas: uma subterrânea, branca, portadora de folhas rudimentares e outra aérea, verde, guarnecida de folhas bem desenvolvidas. A parte subterrânea emite ramos que se mantêm sob a terra, portadores também de folhas rudimentares e terminando por uma porção engrossada chamada tubérculi.

Os tubérculos são assim porções de caules subterrâneos transformadas. A provar tal facto surgem: a sua situação na extremidade de caules subterrâneos: a presença de folhas, ainda que muito pequenas, na sua superfície; a existência de gomos nas axilas dessas folhas, à semelhança do que ocorre nas folhas aéreas; e, finalmente, e como prova decisiva, a sua estrutura anatómica. Registe-se ainda que a forma dos tubérculos não é sempre arredondada; certas variedades de batateira possuem tubérculos alongados, cilíndricos, semelhantes a certos rizomas; outras variedades apresentam tubérculos ramificados, tal como um caule guarnecido de ramos; e, finalmente, observam-se por vezes hastes aéreas que incham e se arredondam à semelhança do que acontece com os tubérculos subterrâneos.

(Continua na pág. 10)

# Basta

## a melhor alternativa

Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o  
Departamento de Agricultura da  
Hoechst Portuguesa S.A.

Apartado 6 2726 Mem Martins Codex  
Telefone 9 21 21 60

Filial: Av. Sidónio Pais, 379  
Apartado 1311  
4201 Porto Codex  
Telefone 66 70 51

Hoechst — um amigo  
na agricultura

Hoechst 

# BATATA - SEMENTE

VARIETADES COMERCIALIZADAS EM PORTUGAL

- LOLA** — Precoce, amarela, muito boa qualidade culinária  
**ROSALIE** — Vermelha, semi-precoce, boa conservação  
**APOLIO** — Muito precoce, amarela, boa apresentação  
**CLAUSTAR** — Semi-precoce, amarela, boa conservação



- COMPARE A QUALIDADE
- COMPARE O RENDIMENTO
- PRODUZIDA EM FRANÇA

(Continuado da pág. 9)

Quanto aos ramos aéreos erguem-se erectos, para mais tarde se tornarem oblíquos e mesmo prostrados.

As folhas da batateira que se encontram debaixo da terra são todas muito pequenas, brancas e destroem-se muito rapidamente. As aéreas são vasos verdes, bem desenvolvidas e compostas de folíolos de diversas dimensões e em número variável, embora característico das variedades.

As flores aparecem normalmente agrupadas em cimeiras sem brácteas. Os cálices apresentam cinco segmentos e as corolas possuem também cinco peças embora unidas entre si. Podem ser brancas, amarelas, azuis ou arroxeadas.

Os estames são em número de cinco, com filetes curtos e as antenas grossas, próximas umas das outras mas sem aderências e abrindo naturalmente por pequenos orifícios.

Os ovários são súperos com duas cavidades e sobrepostos por um estilete e dois estigmas fundidos.

Os frutos são bagas carnudas com dois lóculos, globosas, amarelo-esverdeadas, lisas, chegando a atingir três centímetros de diâmetro e contendo numerosas sementes.

## VEGETAÇÃO

Sob o ponto de vista biológico e económico, na batateira os órgãos de maior interesse são os tubérculos. É do conhecimento geral que, na cultura, se plantam os tubérculos ou bocados de tubérculo possuidores de gomos, vulgarmente chamados «olhos». De cada olho cresce pelo menos um rebento, uma haste vertical que sai da terra. A parte subterrânea produz ramos que permanecem debaixo da terra e incham fortemente nas suas extremidades. Cada porção inchada é um novo tubérculo.

Para aumentar o número de ramos subterrâneos e, portanto, o de tubérculos, torna-se vantajoso amontoar as jovens plantas de modo a que um maior número de nós fique enterrado e dos seus gomos se originem ramos subterrâneos e não aéreos.

**NOVO**

**A MATÉRIA ORGÂNICA É A BASE DA FERTILIDADE**

**ESTREQUANO**

**É UM PRODUTO EXCLUSIVO DA**

**ESTRELA ADUBO**

Fábrica de Adubos Orgânicos, Lda  
 Est. Par. N.º 3 - M.ª L.ª  
 Telef. 93384 Adubo P. - Tel. (033) 91282 - 91283  
 Apart. 1046 - 3500 VISEU

Sem se desenvolverem aqui considerações profundas sobre a fisiologia da planta convém desde já ficar a saber-se que, sob a influência da luz, as folhas da batateira elaboram uma grande quantidade de amido e que esse amido se vai acumular nos tubérculos. O amido, quando os tubérculos abroham constitui uma substância nutritiva que a nova planta absorve totalmente: o pedaço de batata plantado na primavera pode existir no Outono mas dele não restará senão a casca e pouco mais.

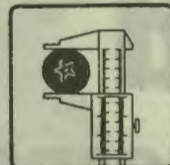
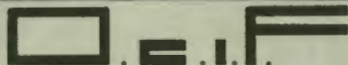
Os órgãos aéreos da batateira — ramos, folhas, flores e frutos — contêm uma substância venenosa que afasta os animais herbívoros.

## TERRENOS ADEQUADOS À BATATEIRA

Todos os terrenos aráveis são propícios à cultura da batateira com excepção dos excessivamente húmidos que podem ocasionar a fácil podridão dos tubérculos. Terras desse tipo devem ser previamente trabalhadas para uma drenagem perfeita evitando a acumulação de água para além do limite necessário e reduzindo-se não só as podridões, já de si altamente prejudiciais, como o desenvolvimento de outras doenças que podem ocasionar graves quebras económicas.

Uma dessas doenças é precisamente o míldio — provocado por um fungo: *Phytophthora infestans* — que encontra num ambiente húmido condições excepcionais de desenvolvimento.

## CALIBRADORES DE FRUTA



### MINI-LINHA COMPACTA

Indicada para espaços limitados

Rendimento de 2.5 - 3 ton/h

CONSULTE A **Sondaca**

TEMOS A SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA

PARCEIROS — APARTADO 12 — 2401 LEIRIA CODEX • TELFS.: 33 401-34 967 • TELEX 43811 ELIND P • TELEFAX 33693

(Continua no próximo número)

# CONVERSANDO...

(Continuado da pág. 12)

Ainda bem que se reconhece um importante espaço turístico no concelho, o qual terá de ser encarado mais atentamente do que tem sido até agora.

A Câmara terá de ajudar, na realização, dos projectos apresentados com inteligência e viabilidade e não deixar morrer os esforços daqueles que amam e lutam pela terra fangueira.

A Cooperativa Cultural de Fão, se não tiver a ajuda da Câmara, terá sérias dificuldades para fazer tudo aquilo que tem projectado.

O espaço para a realização dos vários programas é vital e sem ele pouco se poderá fazer.

É urgente unir vontades e esforços para se resolver este problema.

Tenho a certeza que a nova Junta está atenta a este movimento, e, vai entregar-se de alma e coração, à sua realização!

Daqui a dias entra a Primavera. O tempo corre veloz.

Temos à porta as festas do Senhor de Fão. Não vamos deixar passar esta data, sem termos feito qualquer coisa. É uma excelente altura para inaugurar o programa da Cooperativa.

## VENDE-SE

### APARTAMENTO To

Completamente mobilado e decorado na Rua dos Açores na Vila de FÃO

Nesta redacção se informa

# COMISSÃO DE FESTAS DE NOSSA SENHORA DA BONANÇA

## RELATÓRIO E CONTAS DE 1989

### Peditório total:

Receita .....	957.010\$00
Saldo do ano anterior	211.735\$00
Soma .....	1.168.745\$00
Despesa .....	1.140.000\$00
Saldo .....	28.745\$00

## AGRADECIMENTO

A Comissão de festas de N. S. da Bonança dos anos de 87, 88 e 89 vem por este meio agradecer a todo o povo de Fão, aos nossos emigrantes, às empresas hoteleiras, ao comércio local, à Câmara de Esposende, à Junta de Fão particularmente sr. (Luís António Viana), Lavandarias Mónica, Construções Sá Raqueiro, ao jornal «O Novo Fangeiro», à Direcção, Comando e Corpo Activo dos Bombeiros de Fão e a todas as pessoas que não sendo desta terra, tanto nos ajudaram para que estas Festas se realizassem.

Também não queremos esquecer todos os rapazes que organizaram a Fanfarra, e as senhoras que nos ajudaram no arranjo dos andores.

A todos o nosso muito obrigado

P.S. — A receita total do Peditório inclui todos os lugares da Vila, emigrantes, subsídios da Câmara, Junta de Freguesia e todos os outros amigos.

Esta Comissão, como já tinha deliberado há bastante tempo, cessa agora as suas funções. Espera que a nova Comissão se organize o mais rapidamente possível.

N. B. — Fazemos saber que o dinheiro do saldo se encontra depositado no Banco Fonecas e Burnay - Esposende:

A COMISSÃO

# O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:  
Maria Emília Corte-Real

### COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva  
Maria Emília Corte-Real  
Tia Mariquinhas  
Fernando de Almeida  
Cecília de Amorim  
Dinis de Vilarelho  
José Ramos da Silva  
José Ferreira Neves  
A. Ramos Assunção  
Quim de Fão  
Agonia Pereira

### PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva

### ADMINISTRADORA:

Zita Saraiva

### REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão  
Telefones 961475  
ou 6000295 - 698454 — Porto

### COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA  
Praça João XXIII — Telef. 684318

### Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através dos Correios será por conta do assinante.

### NA CAPA:

Aspecto do cortejo realizado no domingo de Carnaval em Fão.



## HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE  
TEL. 053 - 96 14 73/4  
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m<sup>2</sup>, frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m<sup>2</sup>, a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande terraço (Chaîne des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boite com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (baby-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

# O MUNDO EM QUE VIVEMOS

por E. REAL

## CARNAVAL

*Mais um Carnaval. Mais umas horas de euforia e de ilusão a quebrar a monótona sisudez do quotidiano. Bailes, festas, trajos de fantasia, garridos no vibrante colorido, resplandecentes no brilho das lantejolas.*

*Do vão da nossa janela, observámos todo o movimento e animação que iam na rua, habitualmente pouco movimentada.*

*A dada altura, a nossa atenção foi atraída pela chegada dos meninos do prédio vizinho, um prédio de luxo com muitos andares. Vieram em grupinhos e juntaram-se no recanto do largo passeio onde habitualmente jogam a bola ou andam nos «skates».*

*Só que nesse domingo, não. À medida que chegavam, muito compenetrados nas suas roupas carnavalescas, iam sentar-se, ajuizadamente, no pequeno muro que rodeia o prédio.*

*Lá estavam, entre outros, a fada, com a indispensável varinha de condão, o «cow-boy» com as pistolas e esporas do «Far-West», o «Pierrot» com o alto chapéu em forma de cone, o palhaço com o grande nariz vermelbusco, a dama antiga com a saia de balão, o saloio com a trouxa espetada na ponta do varapau, etc., etc.*

*Conversavam, tão sossegadinhos, tão diferentes do habitual que causava pasmo. Estávamos nesta admiração quando surgiu o imprevisto: um garoto, não mascarado, dobra a esquina pontapeando uma enorme bola, dessas «à jogador». Ensaçou uns passes mesmo debaixo do nariz dos meninos, e aí foi o fim: subitamente, a compostura rompeu-se, o chapéu em cone do «Pierrot» voou, o saloio largou a trouxa e o pau, a fada perdeu a varinha, o «cow-boy» atirou ao chão o chapéu e as pistolas, a dama antiga arregaçou as saias, o palhaço deixou cair o nariz de plástico. Tudo isto porque logo ali se disputou um renbido jogo entre improvisadas equipas.*

*Ouvindo aquela algazarra, algumas mamãs assomaram às janelas e, perante tal espectáculo, gritaram com os meninos, mandando-os recolher imediatamente a casa.*

*Eles lá foram, de orelha murcha, rasgados ou amachucados os fatos, os adereços perdidos, todo o esplendor das luxuosas fantasias reduzido a estropiadas farpelas.*

*Esta cena pareceu-nos o símbolo da própria essência do Carnaval: ilusão fugaz, alegria breve que vem e que se esfuma, pequeno intervalo entre os desencantos e a monotonia do ano inteiro. Tempo-relâmpago de entusiasmo e de magia, onde momentaneamente se afundam preocupações e tristezas. Mas, como diz a canção de Roberto Carlos,*

*«p'ra tudo se acabar na quarta-feira»...*

*Então, desfeita a expressão despreocupada e alegre das horas terminadas, o Homem afivela de novo a máscara sinistra e austera de todos os dias. Por mais um ano — até ao Carnaval seguinte.*

## CONVERSANDO...

Por CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

Estamos no rescaldo das eleições do ano findo e não vamos perder tempo para começar a realizar os projectos para o ano que já começou.

Estive em Fão no fim de Dezembro e vi algumas iniciativas que me alegraram.

Junto ao novo mercado (chegará algum dia a ser mercado?) uma obra grande, já bastante adiantada e outra ainda nos alicerces virada para a estrada. Qual será o seu fim? Hotel, residencial ou apartamentos? Seja o que for, vem enriquecer a terra. Só desejo que tenha um projecto que não escandalize a harmonia e a beleza da nossa vila.

Também junto ao Bom Jesus verifiquei um certo aparato de obras e o muro virado para o rio, mais aberto!... Será o clube náutico?... Quando findarem as obras dos apartamentos que se estão a fazer na mesma zona, assim como alguns estabelecimentos, aquela zona ficará sendo a sala de visitas de Fão.

Será bom que haja uma forte vontade de embelezar e modernizar este cantinho. Espero que a nova vereação arranque em força, pois o seu projecto, que conheci através do nosso jornal é tentador...

Estamos todos de mãos dadas para promover a nossa terra.

Seria excelente que Fão tivesse melhores pavimentos. Há ruas quase intransitáveis, com pedras irregulares e que além do mau aspecto, são incomodativas.

Alegrou-me saber que o ajardinamento do passeio do rio é uma das obras em mente. É de facto uma decisão vital para o embelezamento do cais.

Para quando o prolongamento do mesmo?

Não nos vamos esquecer do pinhal.

Vamos incentivar a juventude para que se organizem grupos, não só para limpá-lo, como para vigiá-lo, nas épocas altas do turismo.

A vigilância é fundamental e não va-

N. da A. — O trabalho apresentado nesta secção no passado mês de Fevereiro, tinha como título, *unicamente*, o seguinte: — «UM «PRONTO-SOCORRO» CHAMADO VÓVÓ». As palavras que aparecem logo a seguir, como subtítulo; (*Chôro de criança. Passos apressados*), estão ali deslocadas. Elas não eram em subtítulo nem faziam parte do título. Eram, sim, as palavras que iniciavam o texto, onde deveriam estar colocadas. Do lapso, do qual não nos cabe a responsabilidade, pedimos desculpa.

mos fazer isso em cima da hora.

Tudo leva o seu tempo e as coisas projectadas com calma têm sempre mais êxito.

E agora uma chamada de atenção para a Junta Autónoma das Estradas: O espaço que fica entre a Escola Primária Amorim Campos e a antiga garagem do Zé Pequeno, na Estrada Nacional de Fão, é uma ratoeira para o peão.

É uma valeta perigosa, estreita e que não dá protecção a quem tem que utilizar aquele sítio. Um passeio cimentado (são meia dúzia de metros) trazia à população mais segurança e evitaria o risco de desastres. Aqui fica o reparo. Os carros que se dirigem à ponte ou à praia vêm sempre com muita velocidade naquela curva e quem ali passa tem que se encostar à parede para não ser atropelado. No Inverno, quando chove, ainda é pior. A valeta vai com água e então, para nos livrarmos dos carros, pomos os pés na poça! Aqui fica a chamada de atenção!

Muito há a fazer, mas também muito há a esperar. A última vereação deixou muita coisa feita, mas muito há ainda a fazer. Por toda a parte há um surto de progresso e nós não podemos ficar para trás. O povo escolheu novas vontades; vamos contar com elas.

Os meus agradecimentos públicos pela antiga vereação. São pessoas amigas que muito estimo e de quem recebi muitas atenções.

Vamos ter esperança na realização de todos os sonhos e projectos, pois sem sonhos não se vive...

★

Acabo de ler o jornal de Esposende e foi-me grato verificar que há várias notícias e referências à Vila de Fão.

(Continua na pág. 11)

O NOVO  
FANGUEIRO  
FÃO